



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 9 de fevereiro de 2019



Mural de Vhils em homenagem a Marielle Franco | Brave Walls initiative | Scratching the Surface project | 2018
Foto de Felipe Cammaert | Panorâmico de Monsanto, Lisboa

ENLACES: ARTES PERIFÉRICAS, ARTIVISMO E PÓS-MEMÓRIA

Fernanda Vilar

O espaço urbano das grandes capitais europeias abarca pessoas de diversas origens geográficas que habitam sobretudo suas periferias. Dessa relação social e geográfica desigual emergem demandas que devem ser tratadas com urgência para evitarmos a (re)produção de novas formas de colonialidade.

Na Europa contemporânea, os artistas cujas famílias são provenientes de territórios antigamente colonizados contestam a maneira subalterna como são tratados. É a geração a que chamamos da



pós-memória: pessoas que herdaram histórias familiares de períodos que não viveram. Os artistas dessa pós-memória colonial expressam-se de diversas maneiras e por diversos meios. Dentre eles sobressai uma arte engajada politicamente, mas que hoje encontra novos meios e plataformas a que conveio chamar de “Artivismo”.

O neologismo “artivismo” terá sido introduzido nos anos 1960 para dar conta das manifestações contra a guerra do Vietname, assim como dos movimentos estudantis e de contra-cultura. Nesse sentido, Guy Debord teorizou sobre o *situacionismo* em seu livro *A Sociedade do Espetáculo* (1967), onde apontava para a necessidade da superação da política e da arte, para sabotar as diretrizes do capitalismo e, assim, dar um novo saber a arte e, por conseguinte, à vida. É apenas em meados de 1990, com a revolução da internet, que o termo volta a aparecer no vocabulário crítico para ilustrar não apenas uma prática de arte política, mas para reavaliar o que se considera política e arte, numa reatualização do conceito de Debord. Nesse contexto, é importante ressaltar que a questão de fundo é a transformação do capital em espetáculo, de onde deriva em seguida a problemática da arte.

O artista ativista situa-se no interior de uma relação social em que é fundamental o reconhecimento do *Outro* e também a crítica das condições que produzem a contemporaneidade. Na dualidade entre arte e ativismo, a relação entre ética e estética amplia-se e, dessa maneira, o uso de métodos colaborativos e de disseminação dos resultados obtidos permite fazer emergir novas subjetividades e discursos renovados no campo da política. Esse *modus operandi* possibilita a entrada no debate público de temas que não constam ou têm pouca relevância na agenda dos países europeus: racismo estrutural, gentrificação de partes da cidade, combate à precariedade, habitação e acolhida de imigrantes e refugiados, dentre outros temas (1).

Os projetos ativísticos pensam a dimensão política da arte e cruzam os territórios do protesto social, baseados numa crença de que validade da arte só é possível se esta for capaz de transformar situações sociais e históricas politicamente significantes. É o caso da poesia slam, arte urbana e democrática praticada em diversos lugares do mundo. Se a transmissão oral da poesia é prática corrente de muitas sociedades não ocidentais, é por meio do slam que alguns artistas urbanos expressam seu engajamento. Na Bélgica, a poeta e colagista Lisette Lombé criou sua primeira performance depois de ter sofrido uma agressão racista num trem: “Neguinha suja, vá aprender a escrever”. Ela, que já era professora de francês, fez da ferida uma arma e, utilizando o famoso discurso de independência de



Patrice Lumumba, escreveu o poema slam “Qui oublierá?” (2) (Quem esquecerá?). Nesse momento ela não dava voz apenas ao seu sofrer, mas falava em nome de toda uma diáspora colonial que respondeu ao final de sua performance “Pas nous!” (Nós não!). O slam permite que se fale em nome de um grupo, a partir de experiências pessoais, e que se compartilhe, no presente e em presença, assuntos que devem entrar na ordem do dia.

Apesar de toda sua indisciplina, os artistas sabem que não é o mundo que será mudado, mas sim a consciência individual de que nossas ações diárias podem mudar hábitos da sociedade. É por isso que geralmente o ativismo oferece espaços de criação. Atualmente, junto à escritora e slammer Joëlle Sambí, Lisette [oferece oficinas de escrita slam](#), sobretudo para mulheres, reivindicando um gesto artista que conjuga feminismo, anti-colonialismo e a voz dos LGBTQ+ (3).

Nesse contexto urbano e contemporâneo, a arte e o ativismo encontram-se para desafiar as narrativas dominantes e ocupar espaços que permitem dar aso aos anseios de mudanças sociais e políticas de diversos grupos marginalizados. Ao tomar um espaço para amplificar, sensibilizar e problematizar, para a sociedade, suas causas e reivindicações sociais, as/os artistas fazem emergir novos cenários e possibilidades de fruição, de participação e de criação artística. Por exemplo, o artista muralista português [Vhils](#), sensibilizado com o deslocamento de populações fragilizadas no Rio de Janeiro para execuções de obras de “revitalização”, afixou nos muros os retratos dos moradores do Morro da Providência que perderiam seus lares. Um protesto artista que permitiu criar compaixão ao dar rostos àqueles que seriam despejados. Mais recentemente, o mesmo artista, como consequência do assassinato brutal da vereadora Marielle Franco e de seu motorista no Rio de Janeiro, criou um mural com seu retrato em Lisboa no quadro do projeto “[Brave Walls](#)”, da organização de defesa dos Direitos Humanos da Amnistia Internacional, para que o crime não seja esquecido e que os responsáveis não saiam impunes.

A conexão (4) entre arte e ativismo possibilita aos sectores estigmatizados da sociedade uma intervenção política criativa, poética e sensorial. Ao mesmo tempo em que vai além das formas tradicionais de ativismo e desobediência, o ativismo abala nossas representações do que é a arte no seu circuito, visibilidade e participação na esfera pública. Para enfrentar os problemas de circulação da arte, sobretudo devido ao racismo de omissão, o ativismo utiliza inúmeras linguagens e recursos tais como a arte de rua, o vídeo, a música, a performance, a poesia, a net art e a intervenção não apenas



para representar a realidade, mas para engajar transformações, mobilizando e inspirando o espectador. No intuito de mobilizar o conhecimento daquele que observa um quadro num museu, duas artistas plásticas francesas de origem argelina, Sophie Anou e Dalila Dalléas Bouzar, foram interpeladas pela mesma obra de Delacroix “Femmes d’Alger dans leur appartement” (que também já havia sensibilizado Picasso e a escritora Assia Djébar). As artistas interrogaram o quadro e deram-lhe novos significados. Sophie Anou realizou uma performance “[Beurettes d’Alger dans leur appartement](#)”, em que além de problematizar a palavra *beurette*, interroga as fantasias coloniais que ainda persistem na sociedade. Já Dalila fez desse quadro [uma obsessão](#), e o revisita regularmente, para pensar o lugar dessa mulher na sociedade de hoje, entre África do Norte e Europa. Nesses dois exemplos vemos como as pinturas orientalistas do século XIX, e em especial as representações de Delacroix, fazem parte da construção do nosso presente e, por isso, devem ser interrogadas pelo olhar desse mesmo “Outro” que foi afixado nas paredes da memória. A ação das artistas entra numa ótica de descolonização das artes, isto é, do questionamento incessante de práticas coloniais e sua reavaliação no contexto presente (5).

Nesse sentido, o ativismo é uma expressão que prolonga o sentido de cidadania. Nos casos francês e belga citados, trata-se de artistas que normalmente não são vistas como europeias. As suas obras expressam esse mal estar e interrogam o olhar do espectador a partir de um outro ponto de vista: no gesto das herdeiras de uma memória franco-argelina, ao questionarem o fantasma colonial evocado por Delacroix, as artistas conseguem representar-se a si próprias e interrogar o seu lugar na sociedade. Já Lisette incorpora um texto para desafiar a construção racista do lugar do “Outro” e da mulher negra e mestiça na sociedade belga, onde a história colonial do Congo começou a ser debatida apenas nos últimos vinte anos.

O ativismo no contexto da pós-memória é um instrumento de descolonização do olhar e das artes, além de ser terreno que inaugura novas possibilidades de debates a partir do olhar do sujeito que reclama sua visibilidade e reconhecimento. Nem toda arte feita por artistas da pós-memória colonial é ativismo. Vários afro-descendentes fazem, porém, de sua arte um manifesto. Pelo ativismo instala-se o campo do combArte: uma possibilidade de exigir ao presente que atualize seu discurso sobre o passado para então definir um plano de futuro com mais inclusão e respeito.



ENLACES: ARTES PERIFÉRICAS,
ARTIVISMO E PÓS-MEMÓRIA

-
- (1) Cabe lembrar várias heranças artísticas das quais se deve destacar a performance, nomeadamente a austríaca e a francesa, e todo o trabalho das vanguardas nova iorquinas e californianas e o pós-modernismo coreográfico de Nova Iorque, cuja genealogia não cabe nesse texto.
 - (2) Poema traduzido no encarte do jornal *Público* produzido pelo grupo de pesquisa MEMOIRS. Pode ser lido em português [aqui](#).
 - (3) As temáticas LGBTQ+ são levadas a cabo sobretudo por Joëlle Sambi, que produz nesse momento um documentário sobre a diáspora africana belga LGBTQ+ e para isso recolhe fundos a partir de plataformas digitais.
 - (4) Conexão é a palavra chave para essa criação que transborda o mundo físico e se instala também nos espaços cibernéticos devido as inúmeras possibilidades de manifestações (quase gratuitas) e alcances transfronteiriços.
 - (5) Cabe mencionar como ação decolonial e anti-racista em França o trabalho da fundação criada pelo ex-jogador da seleção francesa de futebol Lilian Thuram. Uma de suas ações ocorre nos museus no intuito de questionar as obras a partir de quem olha. Por exemplo, no museu Delacroix, Lilian foi o mediador da exposição “Imaginaires et représentations de l’Orient” em que os quadros foram apresentados de maneira diferente, visando questionar a maneira como o “Outro” foi construído a partir de um olhar eurocêntrico. Nesse contexto, alunos do ensino médio foram convidados a intervir no museu e criar seu discurso a partir de um olhar descentrado das obras de arte, provocando assim uma abertura ao mundo do ativismo a partir de um olhar decolonial enquadrado pelo projeto.
-

Fernanda Vilar é investigadora do projeto *MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* (ERC n. 648624) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.